

# O jornal

7-10-83

## Samora em Portugal

A cooperação com os países de expressão portuguesa tem conhecido vicissitudes várias e está longe ainda de ter atingido os níveis desejáveis, quer para Portugal, quer para esses países. Parte da responsabilidade é assacável aos sucessivos Governos que não têm sabido ou não têm tido a vontade política de ultrapassar as dificuldades resultantes dos traumas residuais da descolonização; em alguns casos, até, condicionaram a sua diplomacia mais aos interesses do chamado «bloco ocidental» do que propriamente aos de Portugal, ou prosseguiram inclusive posições manifestamente ignorantes das especificidades internas de cada uma dessas nações com as quais urgia cimentar relações saudáveis e francas. Como não é menos verdade que da parte dos governos das ex-colónias tem havido momentos de menor discernimento, também quanto a essa realidade inultrapassável que é a de vivermos hoje, em sistemas políticos de sinais diversos...

É legítimo, contudo, augurar que a visita que Samora Machel agora efectua a Portugal possa ter um profundo significado. (A importância desta visita podia aquilatar-se, até, quanto mais não fosse, pela raiva que suscita nos círculos mais reaccionários da opinião(?) portuguesa...)

Samora Machel, que tem uma percepção muito aguda do respeito que se deve aos países soberanos e independentes, está decerto preparado para compreender que nenhum Governo português está condicionado pela esquizofrenia colonialista que subsiste à sombra da liberdade política.

Por maior de razão, Machel compreenderá que nenhum Governo português poderá construir as relações luso-moçambicanas à margem dos princípios que devem orientar todas as suas relações externas. A simples acomodação a situações menos correctas — e no fundo contrárias às posições do próprio presidente da República Popular de Moçambique — apenas significaria incapacidade para promover um novo tipo de relacionamento, baseado na amizade histórica entre os dois povos, na ultrapassagem de agravos circunstanciais e na clareza de atitudes que ficou conhecida por «espíritos de Bissau» e tem regulado a aproximação entre o Portugal livre e as novas nações africanas de expressão oficial portuguesa.

Talvez se exagere um pouco quanto se enaltece o papel reservado a Portugal no relacionamento da África com a Europa e em geral com o Ocidente. Mas se Portugal pode desempenhar uma missão útil ao desenvolvimento das suas antigas colónias e à paz no Continente Africano, se está ao nosso alcance um papel político activo em nosso próprio benefício e em proveito desses países a que nos ligam a História, a Cultura e até o sangue, é agora o momento de o demonstrar. A visita de Samora Machel consagra a fraternidade entre Portugal e a África e abre caminho a uma cooperação tão larga, profunda e frutuosa quanto a desejem os dirigentes dos dois países. Saberão eles concretizar nas esferas política, cultura, económica, os sentimentos e os anseios dos povos que representam?